

---

## *Jung: Psicoterapia e Gnose\**

*Lúcia Helena Hebling Almeida Degaspari*

Baseando-nos em uma orientação Junguiana, sabemos que existe em nós uma pré-programação psíquica, um potencial que precisamos desenvolver ao longo de nossa vida, um vir a ser, e isso emana do Self. JUNG coloca que alguns impulsos que se manifestam em nós é a “vontade de Deus”. (JUNG, 1990). Ainda de acordo com Jung a neurose “em última instância, é um sofrimento de uma alma que não encontrou o seu sentido”, e cabe ao psicoterapeuta a transmissão de um significado espiritual ao paciente, “além de tudo o que a razão pensante e a ciência lhe podem dar”. Jung enfatiza ainda que depois dos trinta e cinco anos, todo o problema mais profundo refere-se a uma atitude religiosa, e que a cura é também um problema religioso (JUNG, 1991).

Podemos observar semelhanças entre o pensamento de Jung e o pensamento dos gnósticos. Os gnósticos se preocupavam com a busca do homem e o seu processo de auto-conhecimento. Perguntavam-se de onde viemos, para onde vamos e o que a Vida quer de nós, tentando perceber qual o nosso objetivo neste mundo. Jung se interessava pelos textos gnósticos, orientava-se segundo esta visão e também passou a usar alguns destes materiais com seus pacientes. Há na alma humana, no indivíduo, um impulso que leva à totalidade, que Jung denominou processo de individuação, e os gnósticos conhecimento.

HOELLER (1993) discorre que “(...) Jung aponta o caminho para uma teologia e uma psicologia da restauração, destinadas a re-apropriar a sabedoria descartada da espiritualidade psicológica, conhecida pelos gnósticos, místicos e alquimistas, através dos séculos” (p. 25). Apontamos mais uma vez HOELLER (1991): “(...) No século I, apareceu na Judéia e no Egito e, posteriormente na maioria das regiões do Império Romano, um povo estranho. Os que os conheceram chamavam-nos de

*gnostikoi*, os que sabem. Acreditava-se, no geral, que possuíam o que muitos buscavam: um conhecimento interno da realidade e uma familiaridade com um campo de experiência maior do que a vida da maioria” (p. 76).

Os gnósticos acreditam que no interior de cada ser humano habita um princípio divino, que dentro da terminologia junguiana chamamos de self.

SALLES (1995) apresenta também um paralelo entre a individuação e os ensinamentos gnósticos, e ressalta que o verdadeiro segredo dos gnósticos levado em consideração por Jung era o de que tanto para os gnósticos, como para os alquimistas, a psique é a fonte de conhecimento.

CAMPBELL (1991) também levanta esta questão de busca espiritual, de autoconhecimento, quando diz que a idéia da Terra Prometida refere-se não a terras a serem conquistadas militarmente, e sim a um lugar de “paz espiritual no coração”. Diz-nos ainda que “o espaço exterior está dentro de nós, na medida em que as leis do espaço estão dentro de nós: o espaço exterior e o espaço interior são a mesma coisa” (p. 18).

Cabe ao homem portanto uma nova consciência, uma nova postura de vida, uma vida nova, uma iniciação.

Conforme afirma SOUZENELLE (1994): “ O Homem não pode, portanto passar pela *Porta* senão no *Conhecimento* , que não é conhecimento intelectual, mas experiência vivida” (p. 49) .

As palavras de Jesus a Tomé apresentadas por PAGELS (1990) confirmam isso:

*“Como foi dito, você é meu gêmeo e meu verdadeiro companheiro, examine-se a si mesmo para compreender quem você é... Eu sou o conhecimento da verdade. Se você me acompanhar, ainda que não compreenda (isso), já passou a conhecer, e será chamado “aquele que co-*

*nhece a si mesmo” . Pois quem não se conheceu, nada conheceu; mas quem se conheceu alcançou ao mesmo tempo conhecimento sobre as profundezas de todas as coisas”* (p. 49 - o grifo é meu).

Portanto aquele que alcança a Gnose atinge uma percepção inteira, e está pronto para receber o sacramento da redenção “*apolytrosis* ” que significa livramento, liberação. Para os gnósticos não é o pecado o que leva uma pessoa a sofrer, e sim a ignorância. E ambos, a psicoterapia e o gnosticismo valorizam o auto conhecimento e a percepção interior.

PAGELS (1990) lembra que Jesus é retratado nos documentos gnósticos, como alguém que costuma responder perguntas e assume uma função de revelador, de mentor e de um mestre espiritual. Aí também podemos perceber a relação existente entre a gnose ou gnosticismo e a psicoterapia.

Cabe a nós psicoterapeutas refletirmos sobre estas questões e com coragem assumirmos um posicionamento mais amplo, que responda cada vez mais aos confrontos e necessidades de nossos dias, em nossos pacientes.

Como poeticamente nos fala HEYER (1963): “Somente um psicoterapeuta aberto para a alvorada a nós oferecida poderá, como Médico da Personalidade (E. SPEER), ajudar as pessoas em necessidade na sua cura interior ou exterior; apenas uma Psicologia Profunda flexível e móvel como a alma mesma poderá colaborar ainda mais à frente no preparo de um futuro que valerá ser vivido”.

Jung sempre lembra que vamos com nossos pacientes até onde formos no nosso processo terapêutico. Estava eu no meio de uma série de questionamentos referentes ao que acima expus, e que me levaram a leituras e experiências novas quando recebi como paciente um homem de trinta e nove anos, um caso muito lindo, emocionante e que em muito me acrescentou. Para tanto eu me reportarei a uma série de sonhos deste paciente, que deixam claro essa busca religiosa inerente à psique. Explo-

raremos alguns deles:

(1) “Eu saí no portão da minha casa e tinha uma valeta aberta, eu estava com o meu filho mais novo, eu perguntei à ele o que era e ele disse que era um cabo que ia passar ali, só que os fios eram de ouro.

Existe a possibilidade de uma nova ligação mais valiosa aberta na “Terra Mãe”. Segundo ELIADE (1979) o primeiro metal descoberto pelo homem foi o ouro, os homens desde o tempo dos faraós buscam o ouro, pois reside nele um aspecto simbólico religioso. O ouro é fruto da maturação dos metais na “Terra Mãe”, carrega um simbolismo espiritual “o ouro é a imortalidade”, símbolo de autonomia e soberania. “A transmutação “natural” dos metais em ouro está inscrita no seu próprio destino. (...) A Natureza tende para a perfeição” (p. 43 - 44). Conforme CHEVALIER & GHEERBRANT (1989), “o ouro é o mais perfeito dos metais. (...) Tem o caráter *ígneo*, solar e real, até mesmo divino. (...) No Extremo-Oriente, acredita-se que o ouro nasça da terra. (...) A transmutação é uma redenção; a do chumbo em ouro, diria Silesius, é a transformação do homem, *por meio de Deus, em Deus*. (...) Símbolo do conhecimento” (p. 669). Jung (1990) coloca o “ouro como um símbolo do si-mesmo” (p. 252).

(2) Sonho recorrente: Sonhei que a fábrica foi vendida para uma outra fundição concorrente nossa, e eu que intermediei o negócio.

Há um novo direcionamento, uma nova proposta, eixo Ego - Self (EDINGER). SOUZENELLE diz que nas profundezas subterrâneas, Hefestos ou Vulcão - o deus do fogo “trabalha para os mais altos planos de evolução”. Ajudado pelo olho frontal dos Cíclopes, que vêm “tudo o que deve ser destruído para fazer brotar dessa morte a vida, dessa decomposição a beleza, dessas trevas a luz” (p. 179). ELIADE (1979) coloca que “a arte de fabricar ferramentas é de essência sobre-humana, quer seja divina ou demoníaca” (p. 25).

(3) Eu estava em casa e tocou a campainha e era minha cunhada

Lúcia Helena e ela veio me agradecer por algo que não sei o que é. Ela deu-me um beijo e falou que aquilo era o início do pagamento.

No homem é a alma que faz a ponte com o inconsciente, através da alma o homem se conecta com as camadas mais profundas de seu ser, e pode desenvolver o lado feminino de sua personalidade. É ela que anima a vida do homem.

(4) Sonhei que fomos arrancar mandioca, e conforme fomos arrancando aquilo, a mandioca era de ouro, eu encontrei também uma chave grande e o ouro era só comigo, quando o pessoal chegou era mandioca de novo.

A mandioca tem uma forma fálica, e o falo é o “símbolo do poder gerador, fonte e canal do sêmen, enquanto princípio ativo” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1989, p. 418). “Para os dogons e os bambaras, o ouro é a quintessência do cobre vermelho, *a vibração original materializada* do Espírito de Deus, palavra e água, verbo fecundante” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1989, p. 670). O ouro é um metal raro, difícil, precioso, que pode ser relacionado com a santidade ou a realização espiritual - seres iluminados, auréola dos santos. A realização espiritual, a busca, a individuação é algo a ser empreendida, mas difícil de se conseguir, não são todas as pessoas que partem e seguem nessa senda. Segundo CHEVALIER & GHEERBRANT (1989) “o simbolismo da chave está relacionado com o seu duplo papel de *abertura e fechamento*. É ao mesmo tempo, um papel de iniciação e de discriminação, o que é indicado, com precisão, pela atribuição das *chaves do Reino dos Céus* a São Pedro pelo Cristo, segundo a terminologia alquímica, é o poder de *coagular* e de *dissolver*. (...) A chave abre a via iniciática” (p. 232 - 233). AZEVEDO (1987) lembra que “*O Caibalion* diz: “Os princípios da verdade são sete. Aquele que o conhece possui a chave mágica diante da qual todas as portas do templo se abrem” e afirma que “os textos antigos, para serem devidamente compreendidos, aquele que os lê devia possuir “chaves” ; há textos trancados a “sete chaves”. Jano

também segura a chave dos segredos eternos, que abre a porta da vida.

(5) Sonhei que ganhei mais um vizinho no fundo, ele me mostrou o alicerce e a casa começou a brotar do chão. Voltei para minha casa que já não estava mais onde era e no fim do madeiramento tinha dois sapos que conversavam comigo, perguntavam o meu nome e se eu estava contente. Ai eu já estava no quintal, o cachorro cavouca e sai com um maço de dinheiro na boca.

EDINGER relata o encontro com o companheiro interior, a partir da experiência da treva e do vazio e cita uma passagem em que JUNG diz: (...) “É o estado de alguém que em seus percursos por entre os labirintos de sua transformação psíquica, alcança uma felicidade secreta que o reconcilia com sua aparente solidão. Ao comungar consigo mesma, a pessoa encontra não uma melancolia e um tédio mortais, mas um parceiro interior; e, mais do que isso, uma relação que se assemelha à felicidade de um amor secreto, ou de uma primavera oculta, quando a semente verde brota da terra infecunda, trazendo consigo a promessa de futuras colheitas. Trata-se da *benedicta viriditas*, a bendita verdura, que significa, de um lado, a “lepra dos metais” (*verdigris*), mas de outro a secreta imanência do divino espírito da vida em todas as coisas”. Há um novo jeito de ser, brotando, e o antigo já não é mais da mesma forma, se modifica também. EDINGER aponta o sapo como um dos objetos possíveis da *mortificatio* e diz que pensava-se que “o sapo venenoso, assim como o dragão trazia uma jóia na cabeça”. (...) A draconita, pedra preciosa, de cor branca, que afasta os animais peçonhentos e cura as pessoas de suas mordidas. (...) “A pedra preciosa é a Pedra Filosofal, extraída da feia *prima materia*, que é veneno em sua forma original, mas panacéia depois de passar pela *mortificatio*” (p. 172). GUÉNON (1989) aponta numa nota de rodapé que “é muito possível que, primitivamente o sapo tenha sido na realidade uma rã, animal que, em razão de suas metamorfoses, é um antigo símbolo da “ressurreição”, e tenha guardado essa significação no cristianismo dos primeiros séculos” (p. 279). O cachorro,

psicopompo, tira da Mãe-Terra uma nova energia, uma nova capacidade de troca.

(6) Outro sonho, num lugar que parece a sala de atendimento da Lúcia Helena, e um velho vestido com uma túnica branca, um cajado e muito esplendor do lado dele, falou: você conseguiu !

O lugar onde o Velho Sábio se manifesta lembra a sala da terapeuta. A psicoterapia pode ser considerada uma iniciação, uma arte sacerdotal que faz com que as pessoas descubram o seu “*lumen nature*”, a sua luz da natureza. A crossa da aorta tem a forma de um cajado: ouvir o coração, se afirmar pela sabedoria do coração. Conforme CHEVALIER & GHEERBRANT (1989) o cajado ou bastão é uma “arma mágica, como apoio da caminhada do pastor e do peregrino; como eixo do mundo. (...) Apoio para o andar, mas signo de autoridade; (...) símbolo do tutor, o mestre indispensável na iniciação. (...) Simboliza a vitalidade do homem, a regeneração e a ressurreição” (p. 123 - 125).

(7) Eu viajei não sei para onde, conheci pessoas que eu nunca vi, um monte de gente me cumprimentando por alguma coisa, outros me avisando que eu precisava continuar trabalhando mais um pouco, que tudo estava dentro de mim, e que estava mais próximo do que eu esperava. Voltei para minha casa e a casa estava do jeitinho que eu gostaria de ter a fachada.

Poder ser realmente do jeito que se é, poder apresentar-se sem medo. JUNG (1979) diz que aquele que possuir a fidelidade a si mesmo encontrará a cura de sua neurose.

(8) Eu estava na fundição atarefado, não estava dando conta do trabalho, aí vieram minha esposa, uma amiga e a Lúcia Helena (terapeuta) me ajudar. Foi uma ajuda e tanto, e aí deu tudo certo. Segundo ELIADE (1979), a função dos ferreiros é a de substituir a “Terça Mãe”, a fim de acelerar e terminar o crescimento. Os fornos represen-

tam uma nova matriz, onde será finalizada a gestação dos minerais. Assim pode o homem colaborar na obra da Natureza. A sacralidade que envolve o ferreiro se relaciona com o “domínio do fogo”. (...) “Este “domínio” significa a obtenção de um resultado superior à condição humana. Além disso, o ferreiro cria as armas dos heróis. Não se trata apenas do seu fabrico material, mas da “magia” de que elas são revestidas; é a arte misteriosa do ferreiro que as transforma em ferramentas mágicas” (p. 68). ELIADE (1979) revela também que existem “traços mitológicos de um estado antigo das coisas, em que as confrarias de ferreiros tinham um papel a desempenhar nos mistérios e nas iniciações” (p. 81 - 82).

*(9) Eu estava na Judéia, eu era um judeu e minha função era ajudar ou defender os outros, um tipo de advogado. Eu usava uma túnica vermelha e branca. Eu morri, me mataram.*

A tradição do Egito considera o Iniciado um morto e o indivíduo assume a postura de um morto em algumas Iniciações. Há na Gnose e na Alquimia muitas referências a renascimento, a transformação do homem. AZEVEDO (1987) discorre sobre a necessidade de transformação do homem de maneira realmente muito bonita:

*(...) “É preciso que o homem deixe de pensar naquele processo rotineiro, mecânico do condicionamento de memória de seu “eu”, de todos os apelos que lhe vêm dos sentidos para que alguma coisa ocorra. A arte real, portanto busca a separação de alguma coisa, busca emancipar algo, libertar, desprender, desfixar algo que é simbolicamente conhecido com o nome de Mercúrio. (...) O que é o Mercúrio? Mercúrio é, na Alquimia, o espírito. (...) Na tradição romana, é um deus dos viajantes, é o deus do comércio, o que estabelece as trocas, que é a própria característica do princípio sutil da vida. É a vida que permite animar a forma, é ela que está em contato com a vida mais sutil e que se manifesta em planos mais densos. Daí, a figura de Mercúrio estar em nós. Cada um de nós o possui” (p. 26-27). (...) A Alquimia é uma arte para produzir a regeneração ou renascimento. O laboratório está em nós. Somos*

*os operadores. (...) Muitas das nossas instruções nos vêm via onírica. (...) Temos que ver realmente, o que é a importância do abandono do velho, do condicionamento do passado, a fim de que alguma coisa nasça em nós e surja do inconsciente mais profundo até o consciente, uma percepção criadora de vida e de existência. (...) As coisas profundas da vida pessoal são, como sabemos, inefáveis e incomunicáveis. Elas criam seu próprio segredo; muito mais quando pertencem àquela mudança radical, àquela transformação radical, à mudança de essência que está envolvida no processo de regeneração. A regeneração não pode ser ensinada; podem-se dar apenas indicações, insinuações. Ela tem de ser totalmente vivenciada. (...) Diz Jacob Boehme: “Cada um de nós deverá tirar a água que Deus apontou”. Ele aponta, portanto, o caminho. O caminho da compreensão tem de nascer de alguma coisa a ser aberta em nós” (p. 77 - 83).*

O indivíduo que torna-se Si Mesmo, ou seja com uma referência a partir do Self, começa a tocar a idéia do Servir, não com uma idéia de submissão, mas de estar atento e ajudar na promoção de uma vida mais plena, de um mundo mais justo. Para que isso possa ser vivenciado, para que o Eu Maior se manifeste, o eu menor deve morrer. JUNG diz que a manifestação do Self é sempre encarado como uma derrota, como uma morte para o ego. De acordo com Marie Louise Von FRANZ, Self é a palavra junguiana para Deus. A individuação, o tornar-se único implica também em nos tornarmos uno com Deus. quando nos deixamos guiar pelo Self, estamos sendo guiados por Deus. Tendo isso em mente, conseguimos extrair significado de tudo o que nos acontece e ocorre em volta de nós mesmos.

\* Trabalho apresentado no 9º Encontro de Cinésilogia, no Instituto Sedes Sapientiae, em 1996.

#### Bibliografia:

AZEVEDO, M.N. *A Essência da Alquimia*. São Paulo, Pensamento, 1987.

- CAMPBELL, J. *A Extensão Interior do Espaço Exterior. A Metáfora como Mito e Religião*. Rio de Janeiro, Campus, 1991.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.
- DE WINCKEL, E. V. *Do Inconsciente a Deus*. São Paulo, Paulinas, 1985.
- EDINGER, E. *Anatomia da Psique - O simbolismo Alquímico na Psicoterapia*. São Paulo, Cultrix, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Ego e Arquétipo*. São Paulo, Cultrix, 1992.
- ELIADE, M. *Ferreiros e Alquimistas*. Lisboa, Relógio D'Água. Rio, Zahar Editores, 1979.
- FRANZ, M.L.V. *O Caminhos dos Sonhos*. São Paulo, Cultrix, 1992.
- GUÉNON, R. *Os Símbolos da Ciência Sagrada*. São Paulo, Pensamento, 1989.
- HALL, J.A. *Sonhos: Símbolos Religiosos do Inconsciente*. São Paulo, Loyola, 1994.
- HEYER, G.R. *O Psicoterapeuta no Campo de Força da Terapia*. Stuttgart, Hans Huber, 1963. Tradução de PETHÖ SÁNDOR, mimeografado CID.
- HOELLER, S.A. *A Gnose de Jung e os Sete Sermões aos Mortos*. São Paulo, Cultrix, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Jung e os Evangelhos Perdidos*. São Paulo, Cultrix, 1993.
- JAFFÉ, L.W. *Libertando o Coração. Espiritualidade e Psicologia Junguiana*. São Paulo, Cultrix, 1992.

- JUNG, C.G. *A dinâmica do inconsciente*. Rio de Janeiro, Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Aion - Estudos Sobre o Simbolismo do Si-Mesmo*. Petrópolis, Vozes, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.
- JUNG, E. *Animus e Anima*. São Paulo, Cultrix, 1991.
- PAGELS, E. *Os Evangelhos Gnósticos*. São Paulo, Cultrix, 1990.
- SALLES, C.A.C in BOECHAT, W. (org.) *Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- SOUZENELLE, A. *O Simbolismo do Corpo Humano*. São Paulo, Pensamento, 1994.
- WHITMONT, E.C. *A Busca do Símbolo*. São Paulo, Cultrix, 1990.